

A nova história Estado de Minas - BH 3

2007-05-26

A nova história

Livro mostra como as negras atuaram no Brasil, dos tabuleiros do comércio ambulante aos movimentos contemporâneos contra o preconceito racial

EDUARDO TRISTÃO GRÃO

Até o ditado da conta de que a história é narrada pelos vencedores. Inútil, negros e mulheres que se tornam a partir de agora protagonistas nos livros de história do Brasil, cujas páginas são dominadas por homens – quase exclusivamente brancos. Não é de hoje que essa ausência incomoda a pesquisadores Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil. Em 1998, a dupla lançou, pela Rede de Desenvolvimento Humano (Redeh), organização não-governamental que milita em favor da cidadania feminina, o projeto *Mulher, 500 anos atrás dos rios*. Dele se originaram o *Dicionário mulheres do Brasil* (Igor Zuhar Editor, 2000), com 900 verbetes biográficos e temáticos, e o livro *Um rio de mulheres* (Redeh, 2003), sobre a participação delas na história do estado do Rio de Janeiro. Agora a dupla lança *Mulheres negras do Brasil* (Redeh/Senac), que ajuda a construir novo olhar sobre o passado e joga luz sobre o papel dessas cidadãs ao longo da história.

"Durado que, fora Chica da Silva e talvez a escrava Anastácia, alguém saiba dizer o nome de três heroínas negras do Brasil. Isso não está escrito em nenhum livro. A sociedade brasileira não conhece isso. E preciso conhecer para reconhecer a importância", diz Schuma Schumacher. A pesquisa durou cerca de três anos e envolveu 30 pessoas. Os autores buscaram informações em acervos particulares, teses, periódicos, bibliotecas e arquivos públicos. Fizem dezenas de entrevistas e viagens, sobretudo ao Maranhão, Pernambuco, Minas Gerais, Bahia, São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. "Formos a muitos territórios no Brasil inteiro, eles guardam memória muito rica e viva, passada pelos antepassados", lembra.

O livro é dividido em quatro grandes capítulos, que contemplam desde a chegada das negras africanas ao Brasil aos tempos atuais, quando as afro-descendentes desempenham papel de destaque não apenas nos palcos e pódios, mas também no cenário político e na luta por igualdade de direitos. "Muitas vezes, quando se vê uma negra rum pódio, a gente a percebe como brasileira, não como uma negra que tem capacidade de estar em todos os lugares e se sobressair em todas as atividades. Destacar isso repetidas vezes e provocar a auto-estima da população negra, especialmente crianças e jovens. É um alimento para a auto-estima deles", diz a autora.

Os vencedores da história estavam na corte, nos tronos, nas assembleias, nos congressos, dirigindo o destino da nação. Eram homens e brancos. Ficaram de fora as mulheres, especialmente as negras e, ainda mais, as indígenas. Com os anos, isso vem se modificando, a história vai sendo reescrita. Assim, vamos trazendo essas personagens, que ficaram nos pés-de-página. Isso é demorado, é coisa de gerações, mas espero que, cada vez mais, a nossa história seja colorida", sonha a autora. Schuma acredita que o livro servirá não apenas como bibliografia, mas como prova de que os negros têm muitos motivos para se orgulhar do próprio passado.

PIONEIRAS Um dos fatos que chamaram a atenção de Schuma foi o pioneirismo das negras como comerciantes. "O comércio ambulante foi criado por elas no Brasil. Primeiro, porque era cultura de algumas regiões da África. Segundo, porque se elas já haviam conseguido a liberdade e não havia política pública para inserir essa população, elas tinham de se virar para sobreviver. Começaram a fazer doces, bordados, vender peixes. Havia milhões de coisas naqueles tabuleiros, que eram uma forma de subsistência", explica.

Engana-se quem pensa que a trajetória das negras durante a escravidão foi marcada pela passividade. O espírito de resistência e a força para lutar por melhores condições de vida, características que hoje representam bem os movimentos afro-descendentes, remontam a séculos. "As mulheres negras não aceitaram a violência e a tragédia da escravidão de braços cruzados, nem amamentando os filhos de seus senhores. Obviamente, muitas dessas mulheres foram violentadas e subjugadas, mas muitas outras enfrentaram essa situação com cidadania e garra. Focornizaram dinheiro, libertaram a si mesmas, filhose companheiros. Fundaram quilombos", resalta Schuma.

No capítulo "Rompendo padrões" estão figuras como Paula Baiana, quituteira que obteve permissão para montar sua cantina na Ilha das Cobras e se tornou fuzileira naval honorária. Foi ela quem abriu caminho para que as mulheres, anos mais tarde, ingressassem a Marinha. Destaca-se também Maria Rita Soares de Andrade, feminista sergipana que, em 1967, tornou-se a primeira juíza federal do país. Antes disso, ela foi pioneira ao integrar o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, representando a Guanabara. Estão retratadas no livro a primeira engenheira, a primeira deputada federal e a primeira arquiteta negras.

Para Schuma, no período que se seguiu à abolição da escravidão, as negras se revelaram como protagonistas da história. "Diz-se que a princesa assinou formalmente a abolição e esqueceu-se de assinar a carteira dos negros, ou seja, não houve uma política de inserção dessa população. Com a vinda da mão-de-obra europeia para o Brasil, o período começou com a população negra mantida na mais absoluta exclusão. Sem espaço na sociedade, criaram comunidades negras nas que queriam ter participação religiosa com maior tranquilidade. Criaram clubes em capitais brasileiras para terem sua vida, seus encontros, suas trocas. As mulheres desempenharam papel muito importante na construção desses espaços".



Paula Baiana, quituteira e fuzileira naval honorária



Mulheres trabalham na pilagem de café



Mãe Andressa, sacerdotisa que comandou a Casa das Minas Jeje, em São Luís do Maranhão, por 40 anos

“
Duvido que, fora Chica da Silva e talvez a escrava Anastácia, alguém saiba dizer o nome de três heroínas negras do Brasil

■ Schuma Schumacher, pesquisadora

”

Nessa transição, o papel delas na sociedade brasileira também mudou. Se no passado foram fundamentais para a preservação de sua cultura, atualmente têm na luta social uma de suas principais bandeiras. "Especialmente as mães de santo, desempenharam papel fundamental na preservação da cultura africana, contando histórias, passando receitas, mantendo a religiosidade. Chegando ao Brasil, havia muitas estratégias de impedimento da manifestação da cultura de origem. Elas precisaram ter criatividade enorme para lidar com isso. O nas-

cimento do samba na casa da tia Ciata, que era mãe de santo, ilustra isso", observa.

Hoje, as afro-descendentes estão muito bem organizadas em nível nacional. Há dezenas e dezenas de organizações de mulheres negras, desde a periferia a organizações mais intelectualizadas. Nesse movimento em busca de lugar digno na sociedade brasileira, elas pautaram uma agenda que não existia no país, discutindo democracia e, de fato, inclusão. Atualmente, as negras estão interferindo na política brasileira, participam de vários conselhos, vão para a academia. A situação em que se encontra a população negra hoje, no sentido da busca pela cidadania, tem a mão, a voz e a ação das mulheres negras brasileiras", afirma Schuma.

Mas o maior desafio continua sendo a superação do racismo. Uma das principais linhas de ação para combater o preconceito é, na opinião da pesquisadora, a implementação efetiva da Lei 10.639, que obriga a inclusão da história africana no currículo das escolas. "É necessário valorizar essa cultura e mostrar suas maravilhas, a sua grande contribuição para a sociedade e não pensar nos negros como os ex-escravizados deste país. São cidadãos que têm competência, a sua cultura. A diversidade é uma riqueza, não um problema", conclui.

Mulheres negras do Brasil
De Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil
Editora Senac/Rio, 496 páginas, R\$135

